

Israel planeja manter ataques ao Irã por mais duas semanas

Ofensiva já lançou mais de 5 mil bombas e mira estruturas militares do regime

Israel planeja manter por pelo menos mais uma ou duas semanas a campanha militar contra o Irã, com o objetivo de atingir alvos ligados ao comando do regime e às estruturas militares. As informações foram divulgadas nesta quinta-feira (5) pelo jornal *The Times of Israel*, que ouviu membros do Exército sob anonimato.

A estimativa parece destoar das previsões de Donald Trump, que desencadeou o conflito ao lado de Tel Aviv. Inicialmente, o presidente dos Estados Unidos disse que a guerra poderia durar de quatro a cinco semanas —embora tenha enfatizado que o país tem capacidade para “ir muito além disso”.

Em uma carta enviada ao Congresso, Trump admitiu que a guerra não tem data para acabar. O presidente disse, no texto, que não é possível determinar a duração ou extensão total das operações militares. Também reconheceu que o país pode ter iniciado uma ação militar prolongada.

Segundo comunicado do Exército divulgado na quarta (4), Tel Aviv teria lançado mais de 5.000 bombas desde o início do conflito, no sábado (28), quando foram mortas lideranças do regime, incluindo o líder supremo Ali Khamenei.

Israel disse ter feito na quarta-feira um ataque de grande escala contra um complexo militar do Irã que abriga a sede de todos os órgãos do aparato de seguran-



Daniel Torok/ Casa Branca

Estimativa de tempo de guerra de Israel é destoante do que Donald Trump anunciou

ça do país, incluindo a Guarda Revolucionária, a brigada Quds, unidade de elite do regime, e a Basij, milícia paramilitar formada por voluntários.

Ainda de acordo com as Forças Armadas, mais de cem caças participaram da ofensiva contra o complexo, localizado no leste de Teerã, lançando mais de 250 bombas. Israel também afirmou que um lançador de mísseis balísticos iraniano foi destruído em um ataque aéreo na região de Kermanshah.

Segundo o jornal *The Times of Israel*, militares israelenses afirmaram que as operações contra a

República Islâmica estão sendo divididas com as Forças Armadas dos EUA com base em critérios geográficos, tipos de alvos e vantagens operacionais de cada país.

A Força Aérea israelense concentra suas operações no oeste e no centro do território iraniano, regiões de onde Teerã dispara mísseis balísticos de longo alcance contra Israel. Já as forças americanas atuam no sul do país, área utilizada pelo país persa para o lançamento de projéteis contra bases dos EUA no Golfo Pérsico.

Segundo a reportagem, militares americanos assumiram a tarefa de atingir a Marinha ira-

niana, enquanto Israel tem priorizado outros alvos, como instalações do regime em Teerã, onde considera ter maior vantagem operacional.

Além disso, Tel Aviv tem dependido fortemente da capacidade de reabastecimento aéreo dos EUA, já que os americanos possuem uma frota de aviões-tanque cerca de dez vezes maior que a de Israel.

Dezenas de aeronaves de reabastecimento americanas foram posicionadas em Israel durante o conflito.

Militares israelenses descreveram o confronto como a primeira

guerra conjunta em grande escala, após meses de planejamento e troca de inteligência. Mais de mil soldados americanos estão atualmente alocados no país aliado.

Há ainda a avaliação de que países do Golfo, que foram atingidos por ataques iranianos como retaliação, podem se envolver no conflito de maneira mais ostensiva. Até agora, esses países têm atuado principalmente para interceptar mísseis balísticos e drones lançados por Teerã.

O Exército de Israel defende a legalidade dos bombardeios contra o Irã. Segundo oficial das Forças Armadas israelenses ouvido pela Folha, Tel Aviv agiu ao identificar que Teerã estaria reconstruindo seu programa nuclear e acelerando sua produção de mísseis balísticos —o que é visto pelo Estado judeu como uma ameaça existencial que justificaria a operação atual.

Além disso, ainda segundo esse oficial, Israel e Irã já estão em estado de conflito, o que significaria, de acordo com a interpretação do Exército israelense, que a ação é legítima a despeito da ameaça existencial identificada. O militar, no entanto, não detalhou a data exata para o início da guerra entre os países, que trocam ataques ao menos desde 2024 e indiretamente, por meio de outros atores regionais, desde a década de 1980.

Por Manoella Smith e Guilherme Botacini (Folhapress)

EUA testam míssil nuclear em meio à guerra no Irã

Em meio à guerra dos EUA e Israel contra o Irã, a Força Espacial dos EUA testou um míssil balístico intercontinental Minuteman-3, sua arma para ataques nucleares a partir de silos terrestres.

Os militares negaram em comunicado relação do lançamento com “eventos mundiais”, ou seja, o ataque lançado por Donald Trump e Binyamin Netanyahu contra a teocracia no sábado passado (28). Um dos focos da ação é o programa nuclear dos aiatolás, que a dupla quer destruir.

Os testes, que já passam de 300 na história do modelo, de fato são rotineiros e programados com muita antecedência. Mas em outras ocasiões, como no início da Guerra da Ucrânia em 2022, Washington adiou lançamentos para não elevar tensões ou sinalizar escalada.

O disparo ocorreu na noite de terça-feira (3) a partir da base de Vandenberg, da Força Espacial dos EUA. Além do lembrete acerca das capacidades americanas, que estão sendo usadas de múltiplas formas na guerra do Oriente Médio, ele trouxe uma novidade reveladora.

Segundo a Força Espacial, foi testado “o desempenho de seus múltiplos veículos de reentrada” no voo de 6.700 km que separaram a base do campo de provas Ronald Reagan, na área das ilhas Marshall, território associado aos EUA no oceano Pacífico.

O Minuteman-3 foi desenhado para carregar até três ogivas nucleares. O modelo atual usado, a W78, tem 355 kilotons, ou o equivalente a 24 bombas de Hiroshima.

A partir de 2011, quando entrou em vigor o último tratado de

controle de armas com a outra superpotência do setor, a Rússia, os americanos limitaram sua carga a uma ogiva para ficar dentro dos limites estabelecidos de 1.550 armas pronta para uso por país.

O Novo Start, como o tratado se chamava, caducou no dia 5 de fevereiro após Trump ignorar oferta de Vladimir Putin para estendê-lo por mais um ano —o russo já tinha bombardeado o acordo quando congelou inspeções mútuas em 2023 devido às sanções decorrentes da invasão de seu vizinho.

No teste desta semana, o Minuteman-3 levou dois veículos de reentrada desarmados, sugerindo que os EUA estão se preparando para aumentar a carga nuclear de seus mísseis. Pelas provisões do Novo Start, que agora não existem mais, há 400 silos para lançamento do míssil

no país de Trump.

Os outros dois vetores de ataque nuclear que estavam sob o controle do Novo Start são os mísseis lançados por submarinos e as ogivas em bombas e modelos de cruzeiro transportadas por caças e bombardeiros.

Trump deixou o Novo Start sob a alegação de que o tratado era falho e que precisava incluir a China, que dobrou seu estoque de ogivas desde 2019. Desde então, houve contatos entre negociadores americanos, chineses e russos, mas nada muito substancial.

O movimento coincide com outros na área das armas nucleares, todos preocupantes do ponto de vista da proliferação desses meios de destruição em massa. Na terça (3), o presidente francês, Emmanuel Macron, anunciou um aumento de seu arsenal atô-

mico e a oferta para colocá-lo à disposição de vizinhos europeus.

Ele justificou a decisão pelo clima turbulento nas relações internacionais, ou seja, as guerras no Irã e na Ucrânia e a realidade do afastamento de Trump da parceria em defesa com a Europa. A França tem estimadas 290 bombas, o terceiro maior arsenal do planeta, atrás de Rússia e EUA, com mais de 5.000, e da China, com 600.

Outro foco de preocupação vem da percepção da vulnerabilidade dos países do golfo Pérsico aliados dos EUA ora sob ataques retaliatórios pelo Irã. O chanceler russo, Serguei Lavrov, disse nesta semana que o conflito irá estimular países, não só no Oriente Médio, a buscar a bomba para se proteger.

Por Igor Gielow (Folhapress)